

Sem incentivo à ciência, pesquisadores brasileiros migram para o exterior

SEM INCENTIVO À CIÊNCIA, PESQUISADORES BRASILEIROS MIGRAM PARA O EXTERIOR

Figuras ilustres, muitos profetas e líderes. O Brasil tem de fato muita dificuldade no investimento em ciência e tecnologia.

DEBORA COSTA
@DEBORA1983 / @DEBORA1983

"O neopositivismo científico e a propagação de fake news nos últimos quatro anos". Estas foram as justificativas da bioengenharia e doutoranda em Neurociência, Carolina Evangelista, 25 anos, para ter recebido o desafio de estudar e ensinar no exterior. Sua vontade é compartilhada por grande parte dos cientistas brasileiros que desejam o país para continuar a carreira de pesquisador no exterior.

A busca por oportunidades fora do Brasil também está relacionada à redução no volume de bolsas de pós-graduação nos últimos quatro anos. De acordo com dados do Conselho Nacional das Fundações de Incentivo à Pesquisa Científica (Conapec), houve redução de 16 mil bolsas de mestrado no início de 2019, foi de 2012 esse número caiu para 4 mil. Uma redução de 13% no índice de Doutorado em 2019 e em 2021 e no fim de 2022 caiu para 4 mil. Uma redução de 20% em se tratando do valor das bolsas federais, somente depois de dois anos, o valor foi reajustado mantendo o aumento em 40% e pelo doutorado em 25 %.



"Acrescido que a ciência no Brasil foi deixada de lado e se tornou ainda mais desvalorizada. Eu vi colegas trabalhando sem bolsa, cada vez menos financiamento para as universidades e institutos de pesquisa, sustentamento de laboratório e com isso as oportunidades de quem quiser pesquisar, mesmo cada vez menos", destaca Carolina Evangelista.

O pesquisador Marcel Ribeiro, 32 anos, entrou na França durante o doutorado em Biotecnologia "durante o mestrado. Eu fui parte de uma seleção para fazer o doutorado no exterior, mais especificamente no Instituto Curie em Paris, na França, para o curso de doutorado" explica Marcel Ribeiro, uma experiência no exterior é sempre enriquecedora, principalmente nos grandes centros de pesquisa. "É o sonho de praticamente todos os pesquisadores", afirma.

Nesse caso, era algo ainda mais relevante, já que se tratava de um financiamento concedido pela própria União Europeia através do Marie Skłodowska – Curie Action, uma das mais prestigiadas bolsas da Europa. Marcel chegou ao final do mestrado com outros 10 pesquisadores de todo o mundo. "No final, foi selecionado um grupo de 2013 para fazer o doutorado".

Para Carolina como Marcel Ribeiro, foram pesquisadores do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) entre de terem a chance de participar da pesquisa no exterior. Assim como eles, outros dois pesquisadores saíram para fora do país nos últimos quatro anos. A bioengenharia iniciou os trabalhos ainda durante a graduação, já Marcel Ribeiro em programas de Pós-Graduação.



Tela de reunião e planejamento da LAC/UFPA. Foto: redida.

O diretor da LAC/UFPA, professor Ricardo Ribeiro, afirma que existem muitas iniciativas para desenvolver e dar continuidade à ciência no Brasil.

"O Brasil tem de fato muita dificuldade no investimento em ciência e tecnologia. O que temos aqui é um investimento ainda, sendo muito pouco, e pouco grando, mas mesmo assim. É isso, que faz dos pesquisadores, explica. Em comparação, as universidades públicas brasileiras oferecem uma boa qualificação em ciência. " Sua qualidade, faz com que eles saiam cobiçados pelo exterior", avalia Ricardo Ribeiro.

12/05/2023

Além segundo o professor, o Brasil não consegue fazer os pesquisadores por conta dos baixos incentivos à ciência e tecnologia, como também pela baixa remuneração e desvalorização das pesquisas. "Durante a graduação e por último mais. Com o incentivo que existe sendo desvalorizado no Instituto Ricardo, não poderíamos ter mais pesquisas no país", afirma.

12/05/2023

Faltam bolsas para desenvolver pesquisas

Aqui no Brasil, Carolina Evangelista considerou que nos últimos anos o fôlego de investimento e o reconhecimento cresceu bastante para a comunidade de muitos projetos, o que a motivou a buscar novas oportunidades no exterior.



Carolina Evangelista, foto: redida.

"Eu ainda tenho o sonho de poder estudar e ensinar por mais de ciência e vi na Europa, mais especificamente na Alemanha, uma valorização dessa ciência e muitas oportunidades de trabalho, bem como. E quando fui selecionado, eu precisei fazer um contrato com todos os direitos trabalhistas como fosse um funcionário, plano de saúde 13º salário e outros benefícios que no Brasil não tenho de ser a realidade".



Carolina Evangelista enquanto trabalha em uma pesquisa na LAC/UFPA. Foto: ASCOM.

A realidade brasileira encerra a bioengenharia. "Eu e colegas trabalhando sem bolsa, cada vez menos financiamento para as universidades e institutos de pesquisa, sustentamento de laboratório e com isso as oportunidades de quem quiser pesquisar, mesmo cada vez menos".

Não exterior se inclina de biotecnologia

Marcel chegou na LAC/UFPA em 2017, através do programa de Pós-Graduação em Biotecnologia. Na época, o cenário brasileiro incentivava o mestrado e o doutorado, mas não havia um foco de desenvolvimento chamado Sistema de Inovação. O objetivo era compreender a relação entre pesquisa que contribua para a economia, de alguns anos, no futuro, de inovação, e no primeiro, antes mesmo.

Para ele e o cenário internacional, apesar das possibilidades, não representa uma oportunidade que muitos buscam. "Todos os países têm problemas, ainda que diferentes em alguns pontos", conclui.



Marcel Ribeiro em uma palestra na sede da Organização Pan-Americana da Saúde em Washington, D.C.

no trabalho científico, não existe.

Marcel conta que foi convidado por uma empresa de biotecnologia na Espanha para ser o representante de alguns de suas tecnologias na América Latina e Caribe. No fim, considerou a proposta. "Tinha de estar lá quando com pesquisadores, tanto na indústria quanto no acadêmico, quando que 24 horas por dia, todos os dias, sempre um problema que se resolve no futuro. Foi lá que conheci a biotecnologia e o que me motivou a ir para lá em 2012", relembra.

Após estar na França, Espanha, Suíça e também na América Latina, Marcel teve um panorama da pesquisa científica. "O cenário científico e acadêmico, para ser mais realista, é um cenário bastante ruim. Não dá para ir aos países e mais risco, menos de pesquisa do mundo e se não possui infraestrutura. Foi a Harvard, Massachusetts Institute of Technology (MIT), o primeiro que me chamou atenção de fazer de quem no exterior, não souso alguns brasileiros, já que não sempre falta o futuro e lá tem melhores condições de quem não possui um bom trabalho".

Marcel: Esse cenário não reflete a realidade do nosso país, e é isso. Não é a realidade do Brasil.

REPORTAGEM: DEBORA COSTA / LAC/UFPA

<https://www.gazetadorn.com.br/noticia/sem-incentivo-a-ciencia-pesquisadores-brasileiros-migram-para-o-exterior>

Veículo: Online -> Site -> Site Gazeta do RN